

Meaípe, breve histórico.

Leonardo Nascimento Bourguignon¹

A palavra Meaípe vem do Tupi *ubeim* (“torta doce”) com *aípe* (“mandioca”), significando então, *torta doce de mandioca*.² O saboroso substantivo revela que desde seus primórdios a pequena e charmosa vila de pescadores tem seu nome atrelado à gastronomia.

Estudos arqueológicos apontam que foi há aproximadamente 4 mil anos que os primeiros seres humanos pisaram nas praias do litoral capixaba. Eles eram descendentes de gerações que viviam na região do Cerrado e há 11 mil anos resolveram migrar à procura de lugares fartos em alimentos e de fácil acesso a água. Em suas andanças, seguindo o curso dos rios, chegaram ao litoral.³

No encontro do rio Meaípe com o mar, aquelas pessoas se depararam com um ambiente rico em nutrientes e proteínas, com dezenas de espécies de frutos e peixes, além de caranguejos, mariscos, ostras e outros moluscos.⁴ Essa fartura atraiu diferentes povos indígenas para a região como Goitacá, Purí, Temiminó, Tupinikim, Coroado, Guarulho e Botocudo.⁵

No caso específico de Meaípe, uma escavação arqueológica ocorrida neste balneário na década de 1930, localizou um sítio Goitacá,⁶ povo referenciado inclusive em uma lenda local - A Sereia de Meaípe. De acordo com o conto popular, após o naufrágio de um navio holandês alguns tripulantes, presos aos destroços,

¹ Doutor em História e Mestre em Educação, ambos pela Universidade Federal do Espírito Santo.

² CARVALHO, José Augusto. **Estudos de língua portuguesa**. São Paulo: Cajuína, 2019.

³ DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. 1. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

⁴ Ibidem.

⁵ Utilizaremos em todo o texto letra maiúscula para os nomes tribais, sem flexão de número e gênero em obediência à convenção da ABA de 1953 e ainda a observação de Eduardo Viveiros de Castro (1999, apud POMPA 2003, p. 30) “para quem esse tipo de grafia é um modo, simbólico, de reconhecer um coletivo linguístico, étnico e territorial: não um somatório de indivíduos, mas uma coletividade única

⁶ COSTA, Henrique Antônio Valadares. **Arqueologia do Estado do Espírito Santo**: subsídios para gestão do patrimônio arqueológico no período de investigação acadêmica de 1966 a 1975. 2013. 186 f. Tese (Doutorado) – Doutorado em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

foram levados pelas ondas até Meaípe.⁷ Recebidos pelos Goitacá foram incorporados àquela comunidade, inclusive casando-se com mulheres locais, característica comum na maioria das nações indígenas que habitavam o litoral brasileiro no século XVI.

Mesmo tratando-se de uma lenda há uma possibilidade real de que alguns dos detalhes do conto tenham realmente ocorrido, uma vez que o trânsito de holandeses na região era frequente em virtude das relações comerciais que aqueles europeus mantinham com os jesuítas que viviam em Irititiba, atual cidade de Anchieta.⁸

Irititiba, ou Reritiba como preferem muitos autores, não foi, entretanto, a única aldeia fixa estabelecida pelos jesuítas no sul da capitania do Espírito Santo. Entre 1580 e 1587 os religiosos fundaram a 8 quilômetros ao norte de Meaípe o aldeamento de Nossa Senhora do Guaraparim. Anos depois, atendendo a uma orientação da Companhia de Jesus que determinava que cada aldeia tivesse ao menos quatro religiosos, no final do século XVI os padres da aldeia de Guaraparim se recolheram em Irititiba.⁹

Situados no alto do morro à esquerda da foz do rio Benevente, os jesuítas de Irititiba, em seu trabalho de evangelização dos indígenas, mantinham contatos esporádicos com diferentes comunidades espalhadas pelo litoral, entre elas, a aldeia de Meaípe, também referenciada como Meahype ou Miaipe.

Passados quase duzentos anos, os relatos de alguns habitantes de Guarapari e de Irititiba revelam uma profunda deterioração nas relações entre os jesuítas e os moradores de Meaípe.¹⁰ Segundo aqueles depoentes, isso ocorria devido a forma coercitiva como os padres tentavam agregar as terras que iam de Meaípe até Ubu às 6 léguas que legalmente pertenciam a aldeia de Irititiba.¹¹

Dispostos a monopolizar a utilização das terras e a exploração de madeira, os religiosos cobravam foro dos pequenos agricultores da região e promoviam

⁷ **A SEREIA DE MEAÍPE. Lendas de Guarapari. Disponível em:** <http://www.guaraparivirtual.com.br/lendas.asp>. Acesso em 03 jan. 2016.

⁸ SALVADOR, 1982, p. 119-120.

⁹ LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938-1950, Tomo VI – Livro II, p. 144

¹⁰ SANTOS, 2014.

¹¹ Ibidem.

inspeções para coibir o funcionamento dos pequenos estaleiros navais que haviam em Meaípe.

Em determinada ocasião, Antonio Garcia dos Santos reclamou à Câmara da Vila de Guarapari que, a mando dos padres, os índios aldeados em Iiritiba destruíram algumas de suas canoas. A Câmara então solicitou providências do capitão-mor Silvestre Cirnes de Veiga que governava a capitania. Veiga exigiu do reitor do colégio da Vila de Vitória que os jesuítas ressarcissem os prejuízos de Garcia e ameaçou que “se assim não fizesse ia dar conta ao Rei”.¹²

Diferentes fontes revelam ainda que, apesar da miscigenação e da presença de não-índios, havia até o século XX uma predominância indígena no balneário. O fato reforça a hipótese de que, a exemplo de outros lugares no continente americano, em Meaípe os índios não foram extintos, mas, sentindo-se pressionados pelas alterações ocasionadas pela colonização, aqueles indivíduos se adaptavam, se transformavam, reelaborando suas identidades conforme as circunstâncias e interesses.

No ano de 1759, após a expulsão dos jesuítas que viviam no Brasil, Meaípe foi nomeada distrito da vila de Guarapari. Na verdade, com sessenta ou oitenta famílias, era uma pequena povoação, uma vila sem igreja como anotaria o alemão Maximiliano Alexander, Príncipe de Wied-Neuwied, passando pela região em 1816.¹³ Décadas mais tarde, em seu relatório escrito em 1828, o presidente da província do Espírito Santo, Inácio Acioli de Vasconcelos informava que eram 277 os moradores de Meaípe.¹⁴

Apesar da existência de algumas pequenas serrarias, a imensa maioria de seus habitantes eram pescadores agraciados pelas águas piscosas da pequena enseada. Nas ruas secavam seu pescado ao sol e o negociavam com o único comércio do lugar, uma casa de *molhados*¹⁵ que conectava comercialmente Meaípe com Campos

¹² SANTOS, 2014, p.227.

¹³ WIED-NEUWIED, Maximiliano, Príncipe de. **Viagem ao Brasil**. Trad. Edgar Süsskind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989, p. 138.

¹⁴ VASCONCELLOS, Ignácio Accioli de. **Memória estatística da Província do Espírito Santo escrita no ano de 1828**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 1978, p. 29.

¹⁵ OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. 3ª ed., Vitória, Arquivo Público do Estado do Espírito Santo/Secretária de Estado de Cultura, 2008, p. 317.

dos Goitacazes e Vitória.¹⁶ Da localidade fluminense sazonalmente vinham comerciantes para comprar a produção local.

Além do mar, chegava-se ao distrito após atravessar uma ponte sobre o rio Meaípe, que fazia parte da Estrada Geral, na verdade uma trilha, que pretendia ligar o norte e o sul do Brasil pelo caminho das praias. Em 1850, aqueles homens e mulheres já poderiam enviar seus filhos para a turma de segunda classe que funcionava na pequena escola local.¹⁷

A vida transcorria sem maiores novidades até que uma descoberta no último quartel do século XIX alteraria para sempre a história do município de Guarapari e consequentemente a de Meaípe. Estando no sul da Bahia à serviço de uma empresa britânica de exportação de café, o engenheiro americano John Gordon, desconfiado da coloração das areias daquele ponto do litoral brasileiro, coletou amostras e as enviou para o professor francês Henrique Gorceix. Após análises, Gorceix concluiu que as areias continham algum tipo de minério.¹⁸

De posse do relatório, Gordon foi a Europa procurar interessados em comprar o mineral. No Velho continente encontrou Carl Auer von Welsbach, o austríaco que havia inventado um sistema de lâmpadas a gás que iluminava as noites de algumas cidades europeias e norte-americanas. Auer constatou que o minério encontrado naquelas areias era óxido de tório, ideal para suas lâmpadas.¹⁹

Subornando autoridades locais e apropriando-se de terras particulares, Gordon obteve inúmeras concessões do governo brasileiro para explorar as areias monazíticas do sul da Bahia.

Contando com a supervisão e apoio logístico de ninguém mais ninguém menos que a cientista polonesa Marie Curie, prêmio Nobel de Química e uma das responsáveis pela descoberta da radioatividade, Gordon criou a Société Minière Industrielle Franco-Brasilienne que, em 1906 iniciou suas prospecções em diversas praias de

¹⁶ MARQUEZ, 182.

¹⁷ OLIVEIRA, 2008, p. 399.

¹⁸ LOPES, Aglisson, BOURGUIGNON, Natália. **A guerra de Guarapari**: uma história sobre praias tropicais, bombas atômicas, riqueza e exploração no litoral brasileiro. Vitória, 29 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://portal.ufes.br/conteudo/pesquisa-da-ufes-comprova-efeitos-ben%C3%A9ficos-das-areias-monaz%C3%ADticas-de-guarapari>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

¹⁹ Ibidem.

Guarapari, entre elas a de Meaípe, das quais enviou toneladas de areia monazítica para a França.²⁰

O processo sofreu um revés em 1920 com a popularização da energia elétrica, mas, retornou de forma dinâmica na década de 1940 com o avanço das pesquisas atômicas e o uso do tório para obtenção do urânio-233, elemento radioativo utilizado em alguns modelos de bombas nucleares produzidos por volta de 1950 durante a Guerra Fria.²¹

O interesse norte-americano na exploração da monazita brasileira gerou acordos entre os governos de Franklin Roosevelt e Getúlio Vargas objetivando conseguir o embarque do maior volume possível daquele material para os Estados Unidos, sendo Guarapari o principal fornecedor dessa areia.²²

Mesmo com as tentativas oficiais de regulamentar a atividade, boa parte da areia era retirada de lugares como Meaípe de forma clandestina, sob alegação de que serviria para preencher o lastro dos navios que ancoravam em suas proximidades.²³

Ainda na década de 1940 entrou em cena outra figura controversa, o soviético,²⁴ Boris Davidovitch. Boris desembarcou em território brasileiro em 1940 como procurador da empresa de John Gordon e um ano depois, em uma transação marcada por irregularidades, adquiriu a Société Minière transformando-a na Mibra – Monazita Ilmenita do Brasil.²⁵

Conforme relato de moradores de Meaípe que trabalharam na Mibra, a areia era retirada pelos trabalhadores com pás e jogada em caminhões que a levavam para mesas nas quais era levada, depois aquecida em fornos e enviada para Guarapari. Lá, com o auxílio de eletroímãs eram retirados os minerais radiativos.²⁶

²⁰ LOPES, BOURGUIGNON, 2015.

²¹ Ibidem.

²² Ibidem.

²³ SILVA, Clóvis Alves da. [82 anos]. [abr. 2019]. Entrevistador: Geraldino Nascimento Neto. 20 de abr. 2019.

²⁴ Davidovitch nasceu em Odessa, Ucrânia, naquele momento uma das repúblicas soviéticas.

²⁵ LOPES, BOURGUIGNON.

²⁶ BOURGUIGNON, Izalmir Alves [64 anos]. [abr. 2019]. Entrevistador: Geraldino Nascimento Neto. 19 de abr. 2019.

Apesar dos baixos salários, a carência de oferta de empregos na localidade motivou muitos dos moradores de Meaípe a trabalharem na mineradora.²⁷

Boris enriqueceu rapidamente. Sua gestão enfrentou inúmeras denúncias de contrabando, corrupção e trabalho escravo. Outro problema eram os imensos buracos deixados nas praias escavadas, como fizeram em Meaípe. Essas práticas trouxeram inúmeros inimigos a Boris. Entre eles, autoridades como o prefeito Edizio Cirne que chegou a desferiu uma bofetada no empresário. Em depoimento à uma Comissão Parlamentar de Inquérito, Davidovitch afirmou que após revirar quilômetros de praias no sul do Espírito Santo exportou cerca de 10.000 toneladas de monazita para os Estados Unidos.

Incomodados com a forma como Estados Unidos e Brasil geriam os negócios envolvendo os recursos nucleares, alguns setores do governo brasileiro estabeleceram o monopólio estatal dos principais minérios atômicos e proibiram a exportação de urânio e tório sem autorização estatal.

Com a morte de Davidovitch, o Estado transformou a Mibra na Nuclemon, uma subsidiária da estatal Nuclebrás, que continuou extraindo areia monazítica em Guarapari até 1986 quando o então prefeito, Graciano Espíndula, conseguiu judicialmente o fim da exploração das areias do município.²⁸

Na época, graças aos artigos do médico Antônio da Silva Mello, publicados desde sua primeira visita à cidade em 1936, Guarapari atraía milhares de turistas esperançosos de que obteriam a cura, especialmente de doenças reumáticas, nas areias radioativas da “Cidade-Saúde”.

Graças a fama que atraiu celebridades, inclusive jogadores lesionados como Garrincha e Belini,²⁹ Meaípe começou a receber os primeiros turistas. No entanto, na década de 1970 a pequena aldeia de pescadores continuava com um aspecto muito semelhante ao do século anterior. Curiosamente, foi justamente esse cenário de tranquilidade aliado a suas belas paisagens, o que começou a atrair cada vez mais turistas para o povoado.

²⁷ BOURGUIGNON, Izalmir Alves [64 anos]. [abr. 2019]. Entrevistador: Geraldino Nascimento Neto. 19 de abr. 2019.

²⁸ LOPES, BOURGUIGNON, 2015.

²⁹ BOURGUIGNON, op. cit.

A crescente expansão turística e imobiliária do balneário sofreu um reverso no início do século XXI quando o processo de erosão na região engoliu parte de sua praia. A partir de então, tal como seus primeiros habitantes, Meaípe se metamorfoseou, reconfigurando-se como centro gastronômico e endereço de uma agitada vida noturna embalada pelas famosas boates do lugar.

Quando o assunto da radioatividade parecia esgotado, eis que em 2008 o professor Marcos Tadeu Orlando, do Departamento de Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), iniciou uma série de pesquisas sobre os efeitos da radioatividade. Os estudos, realizados nas praias da Areia Preta, no centro de Guarapari, e na de Meaípe, apontaram uma “relação entre a menor incidência de câncer de mama em mulheres no município e as propriedades das areias monazíticas”³⁰.

Diante daqueles resultados, os estudos ganharam novos contornos. Em 2018, em parceria com a Universidade de São Paulo (USP), o professor Marcos Tadeu Orlando e sua equipe instalaram na praia de Meaípe um equipamento de monitoramento da areia monazítica, o que vem gerando inúmeras expectativas no balneário. Estamos diante de um novo e promissor capítulo na história radioativa de Guarapari e Meaípe, como veremos nas próximas páginas.

³⁰ LELLIS, Jorge. Pesquisa da Ufes comprova efeitos benéficos das areias monazíticas de Guarapari. Vitória, 20 de Dezembro de 2017. Disponível em: <<http://portal.ufes.br/conteudo/pesquisa-da-ufes-comprova-efeitos-ben%C3%A9ficos-das-areias-monaz%C3%ADticas-de-guarapari>>. Acesso em: 02 fev. 2019. Orlando, M T D, et al. *Correlation between Breast Cancer and Radiation Level of Guarapari City – ES*, Blucher Proceedings ISSN: 2358-2359 V 01, (2014) n 02 DOI:10.5151/phypro-ecfa-020

REFERÊNCIAS

A SEREIA DE MEAÍPE. Lendas de Guarapari. Disponível em: <<http://www.guaraparivirtual.com.br/lendas.asp>>. Acesso em 03 jan. 2016.

BOURGUIGNON, Leonardo Nascimento. **Assumindo novas identidades: resistência indígena no litoral sul do Espírito Santo (Século XVIII).** 2018. 283 f. Tese (Doutorado) – Doutorado em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

CARVALHO, José Augusto. **Estudos de língua portuguesa.** São Paulo: Cajuína, 2019.

COSTA, Henrique Antônio Valadares. **Arqueologia do Estado do Espírito Santo: subsídios para gestão do patrimônio arqueológico no período de investigação acadêmica de 1966 a 1975.** 2013. 186 f. Tese (Doutorado) – Doutorado em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira.** 1. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938-1950, Tomo VI – Livro II.

LELLIS, Jorge. **Pesquisa da Ufes comprova efeitos benéficos das areias monazíticas de Guarapari.** Vitória, 20 de Dezembro de 2017. Disponível em: <<http://portal.ufes.br/conteudo/pesquisa-da-ufes-comprova-efeitos-ben%C3%A9ficos-das-areias-monaz%C3%ADticas-de-guarapari>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

LOPES, Aglisson, BOURGUIGNON, Natália. **A guerra de Guarapari: uma história sobre praias tropicais, bombas atômicas, riqueza e exploração no litoral brasileiro.** Vitória, 29 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://portal.ufes.br/conteudo/pesquisa-da-ufes-comprova-efeitos-ben%C3%A9ficos-das-areias-monaz%C3%ADticas-de-guarapari>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

MARQUES, Cezar Augusto. **Diccionario Historico, Geographico e Estatistico da Província do Espírito Santo.** Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1878.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo.** 3ª ed., Vitória, Arquivo Público do Estado do Espírito Santo/Secretária de Estado de Cultura, 2008.

SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil. 1500-1627.** São Paulo-Belo Horizonte, EDUSP-Itatiaia, 1982.

SANTOS, Estilaque Ferreira dos. **Uma devassa contra os jesuítas do Espírito Santo (1761)**. Vila Velha: Edição do autor, 2014.

VASCONCELLOS, Ignácio Accioli de. **Memória estatística da Província do Espírito Santo escrita no ano de 1828**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 1978.

WIED-NEUWIED, Maximiliano, Príncipe de. **Viagem ao Brasil**. Trad. Edgar Sússekkind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

ENTREVISTAS/FONTES ORAIS

BOURGUIGNON, Izalmir Alves [64 anos]. [abr. 2019]. Entrevistador: Geraldino Nascimento Neto. 19 de abr. 2019.

SANTOS, Izaltino Almeida dos. [97 anos]. [abr. 2019]. Entrevistador: Geraldino Nascimento Neto. 20 de abr. 2019.

SILVA, Clóvis Alves da. [82 anos]. [abr. 2019]. Entrevistador: Geraldino Nascimento Neto. 20 de abr. 2019.